

**CIENTOLOGIA PARA
CRIANÇAS
UMA AJUDA PARA A
FAMÍLIA
E ORIENTAÇÃO DO
CASAMENTO**

Por

DENVER FRATER

Índice

A BONDADE BÁSICA	3
A SOCIABILIDADE E O POTENCIAL DA CRIANÇA	5
FALAR COM CRIANÇAS	7
LIBERDADE, CONTROLO, E CASTIGO	10
MAU COMPORTAMENTO	17
A MENTE REACTIVA	22
ALGUNS PROCESSOS SIMPLES	25
TRATAR DAS CRIANÇAS...	34
RECONHECIMENTOS	39

A BONDADÉ BÁSICA

Este pequeno livro mostra como aplicar alguma sabedoria e prática muito básicas da ciência de Cientologia à educação de crianças. A palavra „Cientologia” é composta da palavra latina Scio, saber no sentido mais total da palavra, e da grega Logos, estudo. A Cientologia é por isso um estudo de conhecimento e é chamada frequentemente „a ciência de saber saber”.

O propósito deste livro é mostrar como preservar, alimentar e promover a bondade básica da geração futura. O acento é simplesmente na educação de crianças, porque esta provavelmente é a melhor maneira de alcançar o maior benefício para o maior número de pessoas no menor tempo possível. Quando, através da educação iluminada, as crianças se desenvolvem em melhores adultos, tanto melhor o mundo todo será, dentro de uma geração.

Você verá expresso nalguns livros de psicologia que uma criança é virtualmente um animal incontrolável, que deve ser treinado para ser sociável. Você verá expresso por algumas religiões que o homem (e por isso a criança) é basicamente malévolos e deve ser limpo dos seus pecados a fim de ser bom. Estas opiniões são baseadas na observação de que um homem ou uma criança pode às vezes parecer agir de um modo selvagem. As coisas que provocam estas aparências nos homens, mulheres e crianças, são produtos dos conteúdos inatos das suas mentes, a que reagem às vezes com a finalidade da sobrevivência.

Uma criança não é a mente dela. Ela tem uma mente. Ela é ela própria, e o ELA que é, é basicamente bom. Como toda a gente ela tem problemas com a mente, e precisa de ajuda para a controlar. Note bem: a sua criança é basicamente boa. Todos os homens e mulheres são basicamente bons. De facto, embora possa não ter reparado nisto totalmente, a razão principal porque está a ler este livro é que você é basicamente bom. Esta é a razão porque está à procura e a conferir para ter certeza de que está tão bem informado e tão completamente equipado quanto possível para fazer o melhor pela sua criança. Se a bondade básica da criança, ou as manifestações da sua mente predominam ou não, está quase inteiramente dentro do controlo dos mais chegados a ela. A bondade básica inerente a todas as pessoas, é um dos mais verdadeiros, mais importantes e mais exequíveis princípios básicos da Cientologia. Lembre-se disto, e, de momento, assumo-o como uma verdade. Aja como se já soubesse que isso é verdade, e mais cedo ou mais tarde terá a prova, pois a bondade básica começará a brilhar através da sua criança. Quando experimentar isto, você saberá que é verdade que o Homem é, e sempre foi, basicamente bom.

Tudo o que eu estou a tentar fazer é dar um pouco de informação muito simples sobre o manejo de crianças que torne a vida mais feliz para ambos, você e as suas crianças. Compreenda também que eu não estou a tentar dizer como lidar com crianças problemáticas, embora os mesmos princípios básicos

até se apliquem a elas. Falarei de crianças comuns, das que usualmente parecem sobreviver e mostram vir a ser adultos bastante razoáveis, apesar de manejo e compreensão pobres em muitos casos. Com um melhor manejo das crianças nos seus primeiros anos, elas podem desenvolver-se em adultos muito melhores, e tanto as vidas delas como crianças como as suas vidas como pais, terão sido muito mais satisfatórias.

Agora, no início não pense que lhe vou dar um conjunto invariável e infalível de regras ou „deveres” e „não deveres” que garantam algum tipo de resultado mecanicamente preciso. Crianças não são máquinas. Vou só dar princípios básicos que você possa reconhecer facilmente como verdades e exequíveis. Se os aplica, COMO os aplica, QUANDO os aplica e se compreende como e quando eles deverão ser aplicados é consigo. Tudo o que eu peço em nome das suas crianças, e das crianças de toda a parte, é que você lhe dê uma força, faça seja o que for com que concorde, e seja o que for que puder no melhor da sua capacidade. Se tiver alguns fracassos, bom, e depois? Se tiver um número mínimo de sucessos, mesmo assim ainda terá provavelmente mais sucesso do que antes foi possível para muitos pais.

SOCIABILIDADE E POTENCIAL DA CRIANÇA

Já alguma vez considerou que os maiores desordeiros de toda a história, o mais cruel e destrutivo dos homens e a mais barbaramente decadente das mulheres, todos entraram neste mundo como uma adorável, amorosa “trouxinha” de humanidade que tanto se parece com o seu bebé? Você sabe que isto é verdade, e de alguma maneira muitas dessas doces trouxinhas de inocência cresceram como verdadeiros diabos humanos. E junto com os diabos cresceram alguns santos. Ao nascer eles todos pareciam semelhantes. A sua maldade ou bondade eram inatas ou hereditárias, ou desenvolveram-se em direcções diferentes por causa das diferenças como foram tratados cedo na vida?

De facto é uma mistura de ambas estas coisas. Todas as crianças médias nascem com potenciais inerentes para o mal e para o bem, certo e errado, inteligência e estupidez e doença e saúde. Estas coisas são produtos de uma parte da mente chamada a Mente Reactiva¹ por um lado, e da Personalidade Básica por outro lado, e estas trabalham frequentemente em oposição. Que potenciais se desenvolvem e a que grau, é quase inteiramente devido à forma como as crianças são criadas.

Os factores essenciais que afectam a educação de crianças e, de facto, os únicos factores, são:

1. Os potenciais inatos. (A mente reactiva versus personalidade básica).
2. Orientação parental.
3. Outra orientação.
4. Factores físicos. (Estes incluem factores ambientais, económicos, genéticos e hereditários).

A personalidade básica, embora seja sem dúvida o mais importante de todos os factores presentes, não precisa ser considerada porque é basicamente boa, não dará nenhum problema, logo não precisa ser tratada. Tratando os outros factores ela prevalecerá, e a sua prevalência será a recompensa do nosso manejo inteligente e competente desses outros factores.

Os factores estão listados por ordem de importância. Os potenciais inatos, e estes não incluem os factores genéticos ou hereditários da criança comum, são muito importantes e tremendamente poderosos se não eficazmente manejados, mas se aqueles que estão a fazer o seu manejo estão correctamente informados e capazes de agir segundo essa informação, os potenciais inatos da mente reactiva são agora, graças à Cientologia, facilmente controláveis.

¹ A porção da **mente** que funciona a nível de estímulo-resposta que não está sob controlo da vontade da pessoa e que exerce força e poder sobre a consciência, propósitos, pensamentos, corpo e acções. Mais informação no livro *Dianética, a Ciência Moderna de Saúde Mental*, por L. Ron Hubbard

O carácter do bandido John Dillinger, por exemplo, quase que, com qualquer outra educação diferente, poderia ter-se revelado completamente diferente. Então, outra vez, poderia ter sido preciso o génio de um super pai entre milhões para ter produzido, do bebé Dillinger, um cidadão obediente à lei. O potencial inato dele para o crime pode ter sido tão poderoso que só um super pai e super professores, e um ambiente ideal o poderiam ter manejado, mas isto é contudo muito duvidoso. É mais provável que até você ou eu pudéssemos ter-nos desenvolvido num Dillinger tendo tido os pais que ele teve e outros mentores, e tivéssemos sido sujeitos aos mesmos factores ambientais.

Você terá notado duas crianças da mesma família, tratadas exactamente da mesma maneira, que ainda assim desenvolvem caracteres completamente diferentes, e sem dúvida que isto o confundiu. As diferenças mais problemáticas e indesejáveis são as que resultam do conteúdo da mente reactiva que apenas dita comportamentos irracionais. Quando a mente reactiva é manejada com eficácia, os traços desejáveis do indivíduo basicamente bom aparecerão. Agora não há nada certamente errado com pessoas que têm diferentes ideias, objectivos, atributos, personalidades e caracteres. Seria de facto um mundo estúpido se todas as pessoas fossem exactamente iguais, mas quando as diferenças contêm factores que fazem de uma pessoa um ser social e de outra um ser anti-social, muito sarilho resulta. A coisa importante é que as crianças não se deveriam desenvolver em adultos anti-sociais, e o objecto principal da informação deste livro é ajudar os pais a desenvolver crianças sociáveis que crescerão em adultos sociáveis. Se se tornam operários ou gerentes de banco, atrizes ou empregados de copa, teístas ou ateus, é de importância secundária. O objectivo é produzir pessoas sociáveis, para que possamos ter operários sociáveis, gerentes de banco sociáveis obedientes à lei, e atrizes sociáveis. Isto é muito melhor do que insociáveis, criminosos ou loucos.

Agora lembre-se, o que eu tenho a intenção de fazer é mostrar algumas formas simples de tratar crianças que as ajudem a crescer como pessoas sociáveis. Você poderia negligenciar a importância disto, mas é mais importante uma pessoa ser sociável e legalista do que tremendamente eficiente, inteligente ou bem sucedido. Se ela puder ser estas coisas E também sociável, então, é claro, esse é o resultado mais desejável. Se for tremendamente eficiente, inteligente e bem sucedido, mas anti-social, bem, deixo para você considerar que terror seria para a criança viver com ela, e, como adulto, que devastação poderia desencadear durante a sua vida.

Agora, vamos ao assunto de como abordar a criação de crianças para serem os cidadãos sociáveis, agradáveis, são, felizes, saudáveis, amantes da paz, obedientes à lei.

FALAR COM CRIANÇAS

Primeiramente, saúde o seu bebê recém-nascido com um devidamente dito e tencionado bem-vindo. Diga ao bebê quem você é, onde ele está e que ele vai viver consigo e como você está contente de o ver. Não represente apenas. Diga-o com intenção. Dê as boas-vindas ao seu bebê da mesma maneira que poderia dar as boas-vindas a um adulto que você realmente tem prazer de encontrar. Não há nada estranho nisto quando você realmente pensa nisto. Aqui está por exemplo um pensamento. Você pode lembrar-se de uma vez em que os seus sentimentos íntimos não eram iguais aos de um adulto? Um adolescente sente-se adulto, certamente. Ele considera-se importante. Sente que as suas opiniões e desejos são importantes. Uma criança de dez anos não se sente menos importante. Uma criança de quatro anos sente-se adulta. Diz-se comumente que uma criança de dois anos de idade fala e age como se soubesse tudo. Por outras palavras, sente-se adulta também. Se você pode olhar este fenómeno totalmente desapaixonadamente perceberá que até um bebê de seis semanas pode muito bem sentir-se adulta. Você pode mesmo admitir que como bebê tinha provavelmente sentimentos de adulto, e pode estar seguro que da mesma maneira os tem a sua criança.

Vamos por isso começar, assumindo ou acreditando primeiramente que um bebê, mesmo com a idade de minutos, tem sentimentos humanos, e que eles são semelhantes aos de um adulto. Assumamos que ele compreende, pelo menos até certo ponto, o que você lhe diz a ele, ou que, pela sua maneira de falar, e como você lhe parece e o maneja, ele forma as primeiras opiniões sobre si e sobre o relacionamento dele consigo e o mundo, e que estas primeiríssimas impressões podem muito bem fixar um padrão para o resto da vida dele.

Agora, eu sei que você pode achar difícil de aceitar ou acreditar que um bebê recém-nascido tem sentimentos humanos e emoções e pensamentos, ou que ele o pode compreender. Bem, se você não pode aceitar isto, poderá aceitar que é melhor comportar-se na presença dele como se fosse verdade? Porque não? O que têm você a perder? Você vê, o padrão de uma vida tem um início algures. Agora, exactamente onde e a que segundo preciso de qual hora de qual mês de qual ano da vida da criança este padrão tem início, parece não haver maneira de saber sem dúvida, logo, a melhor maneira de cobrir isto é estabelecer o padrão mais alto de relacionamento de pais-para-filhos bem no início, e manter este padrão a partir de então.

Continue a tratar a sua criança como um ser humano sensível. Não seja muito descuidado sobre passar tempo a dizer-lhe coisas, significados de palavras, porque ele deve ou não deve fazer isto ou aquilo, quem é esta pessoa, quem é aquela pessoa, e onde elas se colocam no esquema das coisas. Quando ela pergunta, „Porquê?“ diga-lhe a razão. Não simplifique demais pensando que ela não compreenderá, mas por outro lado, não complique de propósito

para ter certeza que ela não compreenderá, e por isso a derrotar cessando o interrogatório. Você não está em competição com a criança. Você e ela fazem parte de um grupo, a família. Você é o capitão. Quando conduz, ela o seguirá, contanto que tenha confiança em si. Se você a tenta enganar com razões tolas, ou a impede de jogar a parte dela no grupo recusando-se a explicar ou dando-lhe falsa informação, deixará de ter confiança em si e começará a ser sua oponente em vez de companheira.

Fale sensivelmente com a sua criança. Uma vez mais você pode achar difícil de acreditar que isto é necessário. É bastante verdade que a criança pode não compreender alguma coisa que lhe diga à primeira, segunda, terceira ou vigésima vez, mas outra vez, ela poderá mesmo compreender, porque é certo que um dia compreenderá, e vendo que não sabe quando vai ser, é melhor seguir o curso seguro de lhe dar sempre informação fiável e falar sensivelmente, como se ela compreendesse imediatamente e agisse segundo o que você diz. Não menospreze a importância disto. É muito importante. Faça isto, e sem dúvida você terá a prova do valor deste tratamento. Você ficará de facto agradavelmente surpreendido com o número de coisas bastante complicadas que a sua criança compreende.

Agora, pode ficar com a ideia que eu lhe estou a dizer para não usar „conversa de bebé”, chamar um pato um pato e não um patinho e esse tipo de coisas, mas não, eu não estou em absoluto preocupado com isso, e a conversa de bebé não nos preocupa nem um pouco. Use conversa de bebé se desejar. Se não provavelmente a sua criança o fará em todo caso. Eu também tinha a ideia que conversa de bebé era alguma coisa inventada por adultos para comunicar com crianças, mas de facto é frequentemente ao contrário. As crianças inventam conversa de bebé para comunicar com adultos, e elas usam palavras de conversa de bebé para praticar a fala numa altura em que o controlo da boca e da língua são bastante difíceis de dominar. É claro, como tudo, suponho que pode ser excessivo, mas isto nem sequer é muito importante.

Ao falar com uma criança, não fale mais alto. Partilhe com ela as suas opiniões em matérias simples. Peça-lhe a sua opinião. Dê à criança a ideia que gosta de discutir coisas com ela, que a opinião dela é válida, e que as decisões dela são importantes. Faça isto logo desde o princípio e obterá bastantes oportunidades para dar à criança informação útil quando ela precisa. Você estará em boa comunicação nos dois-sentidos com ela e descobrirá também o que ela considera que precisa saber.

Tendo mencionado só Comunicação nos Dois-sentidos, tenho que chamar a sua atenção para a parte mais importante disso. O reconhecimento. Acuse sempre a recepção à sua criança nas conversas e de outras maneiras. Quando uma criança faz alguma coisa, leva a cabo uma das suas ordens ou algo assim, acuse-lhe a recepção. Por exemplo, você diz ao Johnny que lave as mãos e ele vai e faz isso. Você diz agora: „obrigado por lavares as mãos Johnny”. Por exemplo, você diz ao Johnny que vá para cama e ele vai. Você diz: „obrigado

por teres ido para a cama, Johnny”. Nós ouvimos frequentemente dizer a uma criança que foi malcriada hoje, particularmente quando está para ir para cama. Isto pode ser correcto desde que reparemos que há outro lado, e quando o Johnny for bom, dizer-lhe antes de se deitar: „obrigado por teres sido bom rapaz hoje Johnny”. Isto é reconhecimento. Considere como se sente quando não obtêm reconhecimento pelas coisas que faz. Considere como se sente quando as pessoas aparentemente o ignoram quando fala com elas. Lembre-se como se sentiu com alguém que não respondeu a uma carta sua. Considere como se sente com alguém que prontamente o condena por pequenas falhas, mas raramente, se alguma vez, comentam as suas virtudes e realizações.

Faça um esforço definitivo para acusar sempre a recepção a todas as comunicações, favores e comportamento. Reconheça sempre. É mesmo tão importante como originar comunicação. Um dos pontos essenciais para assegurar que a bondade básica do carácter da criança prevaleça, assegurar que ela aja sociável agora e no futuro, é comunicar com ela e acusar a recepção á sua comunicação. É tão simples quanto isso.

LIBERDADE, CONTROLO E CASTIGO

Apesar das opiniões de que as crianças são pequenos animais malévolos que devem ser treinados para serem bons e sociáveis, alguns foram logo na direcção oposta e aconselharam que deveríamos permitir às crianças liberdade completa, deixá-las fazer seja o que for que elas queiram, sempre que queiram, e nunca as corrigir, controlar ou castigar. Há mesmo escolas privadas especiais estabelecidas para promover esta ideia. Várias escolas de pensamento como esta cobrem um campo bastante vasto. De facto, não podia ser mais vasto. Quando nós examinamos todos estes vários métodos especializados achamos que, colectivamente, eles aconselham virtualmente os pais a fazer quase toda e qualquer coisa para criar as crianças de forma que algures alguém deva ter um algum sucesso, e é claro, alguns têm êxito. Eu penso que você concordará, contudo, que isto é quase tão científico como lançar um dardo às cegas. Às vezes pode atingir um olho de um boi, se é que de facto atinge algum alvo.

Tendo estudos prévios muito pouca coisa para oferecer identificada como estável, temos que considerar para nós os méritos de liberdade e controlo. Primeiramente, o que é liberdade? Liberdade não é absolutamente nada, a menos que seja a liberdade DE alguma coisa. Se não há nada de que ser livre, não se pode ser livre. Isto é tão elementar como dizer que se a pessoa não tem uma bicicleta para desmontar, ela não pode desmontar de uma bicicleta. Logo, coisas de que ser livre são essenciais à liberdade. Agora, de que desejamos nós ser livres? Bem, e as restrições, regras, regulamentos, controlos, dores, doenças e coisas que tais? Poderíamos reunir talvez todas essas coisas e chamar-lhes barreiras. Logo, a fim de ter liberdade, temos que nos libertar das barreiras, e é claro, temos que ter barreiras. Isto não é nenhuma teoria filosófica obscura ou abstracta. É um facto muito simples, do senso comum. Nem sequer precisa de ser demonstrado. É uma verdade patente.

Agora, de qualquer maneira, para que deveríamos querer ser livres? Bem, nós queremos ser livres para poder fazer alguma coisa, e podemos reunir todas as coisas que queremos fazer sob o título de propósitos. Temos agora três coisas a considerar, Liberdade, Barreiras e Propósitos, e elas são todas coisas essenciais e complementares umas das outras. Sem qualquer delas as outras duas não têm qualquer consequência. Segue-se que, em toda a actividade óptima da vida, estas três coisas devem estar presentes, e não só ou duas delas, mas todas as três. Sem elaborar mais esta explicação, vou apresentar o Dado Estável² completo que nós podemos construir destes factos.

O dado estável é que, „vivência Óptima contém Liberdade, Barreiras e Propósitos. Nós erramos na vida quando permitimos muita liberdade, erguemos muitas barreiras ou não identificamos as liberdades e as barreiras, ou

² Dado estável: qualquer parte ou factor (que pode ou não ser correcto ou verdadeiro) numa confusão, que o indivíduo selecciona como coisa conhecida e segura com a quais relacionar e alinhar o resto das partes da confusão, diminuindo ou pondo ordem na confusão. (ref. Problemas do Trabalho, por L Ron Hubbard)

não seleccionamos um propósito”. (Veja „Fundamentos de Pensamento” por L Ron Hubbard).

Agora, apliquemos isto à educação de crianças. Se permite a uma criança muita liberdade, você deteriora a vida dela. Se a restringe muito, deteriora a vida dela. Se não lhe diz definitivamente o que lhe é permitido e o que não lhe é permitido, você confunde-a e deteriora a vida dela. Se não lhe permitir e a encorajar a tomar decisões e assim estabelecer os seus propósitos, você deteriorará a vida dela.

Quanta liberdade é demais? Demais é demais. Quem julga quanto é demais? Você e a sua criança. Como é que você julga isso? Você julga-o o melhor que puder. Não há nenhuma regra dura e rápida. Tenha só a certeza que permite bastante liberdade e ergue bastantes barreiras e ajuda a sua criança no estabelecimento dos seus propósitos. Como é que você julga o que é bastante? Você julga-o. „Bastante” é uma quantidade variável de pessoa para pessoa. Muito pouco para uma pessoa pode ser muito para outra. Idealmente você julga só a quantidade exacta, mas contanto que permita um pouco de liberdade, erga algumas barreiras e seleccione alguns propósitos, não ficará longe, mas se omitir qualquer destes completamente, ou quase completamente, atenção, você está a convidar sarilhos, posso assegurar-lhe.

Demos uma vista de olhos a liberdade. Agora olhemos uma das barreiras mais comuns, o Controlo. O que é Controlo? Bem, quando você controla qualquer coisa pode fazer três coisas, nem mais, nem menos. Você pode começar, pode parar, e entre estas duas acções há um período em que você está a mudar de alguma maneira. De forma que é controlo: Começar, Mudar, Parar. Se o controlo é bom, então cada uma das acções acontecerá como e quando determinado. Se o controlo é mau, então a maior parte das acções não acontecerão como e quando determinado, e mau controlo seria de facto uma falta de controlo. Um carro não vai contra um poste porque é mal controlado. Colide com um poste porque não é controlado. É o mesmo com sua criança. Ela não sofre de mau controlo. Ela só pode sofrer de falta de controlo. Por isso, está certo para a criança e para si ela ser controlada, mas lembre-se, você aplicará só o controlo bastante. Muito é prejudicial. Você e ela são os juízes. Agora começará a ver por que razão você e a sua criança precisam de estar em boa comunicação. Se não estão em boa comunicação vão ser incapazes de decidir mutuamente quanta liberdade e quanto controlo é bastante para manter uma atitude óptima para com a vida, a busca da felicidade e a realização dos propósitos da vida.

Logo, o fim é definitivamente que você controle a sua criança, e quanto melhor estiver em comunicação com ela, mais fácil será para ambos. Ela terá dificuldade às vezes em controlar os seus próprios impulsos latentes e precisa da sua ajuda. Logo não é, „poupe no castigo e estrague a criança”, mas, „Use o castigo demais ou de menos e estrague a criança”. Depois veremos que o uso do castigo é, em absoluto, grandemente sobreavaliado.

Aqui há uma outra coisa sobre controlo. Bom controlo deve ser consistente. Se um certo controlo foi aplicado ontem, deve ser continuado sendo aplicado hoje e amanhã, contanto que seja julgado necessário. Se é aplicado a uma criança, também deve ser aplicado à outra. Controlo deve ser concordado entre os pais. O que a mãe manda, o pai apoiará, e vice-versa. Se o pai e a mãe não podem concordar sobre uma certa medida de controlo, a criança pode-os jogar um contra o outro, e esta é uma fonte comum de relações familiares pobres.

Os elementos de controlo, Começar, Mudar e parar, formam o que é chamado Ciclo de Acção. Os dias de uma criança estão cheios com ciclos de acção, e contanto que sejam ciclos completos, ela sente-se bem, mas se tem muitos ciclos de acção incompletos, começa a sentir-se confusa, frustrada e zangada. Logo, é útil estar consciente disto e, onde possível e sem perturbador as suas decisões e acções auto-determinadas, é útil ordenar as actividades da criança de forma a que os seus ciclos de acção sejam completados. Considere como você se sente quando alguma autoridade sobre si não parece poder decidir sobre o que quer que você faça e emite ordens contraditórias. Considere como se sente quando alguém lhe pede que faça alguma coisa e, antes de terminar, lhe pede que faça qualquer outra coisa, e quando mal começou isso, ela lhe pede que faça qualquer outra coisa. Considere como se sente quando se envolve em muitas tarefas incompletas. Não é verdade que se sente frustrado e zangado, ou que tudo parece um desespero? A sua criança tem sentimentos semelhantes, e é só uma questão de ciclos de acção incompletos.

Outra coisa que foi confundida é o uso de força. Deve ser usada força para controlar uma criança? Uma criança deveria ser castigada? Uma vez mais nós encontramos vários conselheiros que cobrem todo o campo, com alguns defendendo e outros opondo-se ao castigo. Qual é a verdade da matéria? A verdade é que só deve ser usada tanta força quanto necessário. A quantidade de força necessária pode ir de um mero elevar da voz ao manejo físico a fim de levar a cabo uma ordem, ao castigo, e o castigo pode ir da remoção das liberdades (como, „Vai para o teu quarto”) a um bofetão com a mão aberta, a uma tarefa com um chicote.

A coisa importante a saber sobre o uso da força ao efectuar o controlo é usar só força bastante para obter obediência. Quanto é só o bastante? Aqui vamos nós outra vez. Só o bastante é só o bastante. Nem muito, nem pouco. Uma vez mais, você é o juiz de quanto é o bastante. O julgamento quase não é tão difícil quanto você pode imaginar no princípio. Você pode ver que a sua criança está quase de coração partido e obedecerá imediatamente se falar meramente com rispidez, enquanto que outra exige e até espera um bofetão regularmente.

Na prática tive muito pouca necessidade de dar castigos corporais e não considero isso válido como medida de controlo. O que é válido é obter sempre

obediência à sua ordem. Nunca deixe a criança vencer se estiver propositadamente a desobedecer. Exemplo: o Bebê chegou aos quinze meses, está de pé na cadeira alta. Você repara que ele pode cair facilmente. Você diz: „senta-te”. Você sabe que ele compreende isto, mas não obedece. Caminha até ele e, usando só a força bastante, senta-o fisicamente e então agradece-lhe por se ter sentado. Não omita este reconhecimento pela ordem que é levada a cabo. Você agradece-lhe como se ele próprio o tivesse feito. Este é um bom exemplo do uso gradual de força. Se resistisse a sentar-se, poderia ser preciso um pouco de mais força. Ainda poderia ser preciso um pouco mais e poderia fazer isto repetidas vezes até a criança estar absolutamente segura de que não iria avante com isso. Agora não fique com a ideia que ela se ressentirá com este tipo de controlo. Pode parecer ao princípio, mas você notará que nunca há qualquer ressentimento prolongado. Tratada deste modo ela decide de facto ficar controlável e respeita-o por ser definitivo e consistente. Ela sabe que você quer dizer o que diz, e nunca há qualquer dúvida sobre isto. Quando ela é reconhecida por levar a cabo a ordem, de facto sente-se recompensada por alguma coisa que fez.

Se você sente que tem que usar castigo corporal, use a mão. Nunca use uma correia ou cana ou qualquer instrumento semelhante. Você é grande e forte bastante para não ter que se armar. Se prometer castigar uma criança da próxima vez que ela conscientemente fizer alguma coisa ou outra, então, se o fizer, você castiga-a como prometido. Não a desculpa ou lhe diz outra vez que da próxima vez a castigará. Você leva a cabo sua promessa. Se não fizer isto perderá o respeito dela e tornará o controlo futuro mais difícil, e de facto criará a necessidade de usar um controlo mais forte. Note, eu disse „prometer” castigá-la. Nunca a ameace. Ameaçar é uma actividade de tiranos e sádicos. Ameaçar implica em certa medida estar zangado a tal ponto que fica fora de controlo, e nesta condição o seu julgamento de força será seriamente prejudicado.

Faça questão de recompensar uma criança por ser boa, mas nunca ofereça subornos. Há uma vasta diferença entre as implicações sociais de recompensas e subornos.

O castigo só será eficaz se a criança castigada considerar que o castigo é merecido. Mesmo para ela, muito castigo, ou mais castigo do que considera adequado, terá um efeito oposto ao tencionado. Considere como se sentiria se fosse castigado por alguma coisa que não fez, ou, alguma coisa que não pôde deixar de fazer ou não pretendeu fazer. A criança que considera que merece ser castigada numa circunstância particular, fá-lo porque já é uma criança sociável, logo não precisa realmente do castigo. Contudo não necessariamente sabe isto, e aceitará o castigo que considera merecer sem ressentimento, e pode beneficiar de facto disso. Por isso, „ajustar o castigo ao crime” tem alguma validade. Se ela permanece impune por alguma coisa que ela pensa dever ser castigada, pode ter a compulsão de se penalizar. Compulsões de qualquer

espécie são indesejáveis. Este é o material de que a mente reactiva é feita, e você lerá mais tarde sobre isto.

O castigo não será eficaz se a criança não considerar que o merece. Não é por isso eficaz como correctivo para crianças anti-sociais, porque elas consideram as acções anti-sociais justificadas e por isso consideram o castigo uma injustiça. O castigo não é eficaz nessa criança como correctivo a menos que severo bastante para a reduzir a apatia, estado em que ainda assim não terá sido corrigida. Será dócil e obediente, mas muito menos capaz. Antes de uma criança ser conduzida ao estado de apatia alcançará uma fase onde, para evitar um castigo adicional, ela finge ter sido corrigida como medida de defesa, e este é o nosso potencial delinquente juvenil e criminoso. Ela também, parece ter sido readaptada até o controlo ser removido. Então solta-se e extrai o que considera ser uma vingança justificável na sociedade.

O castigo (e isto inclui os castigos do ambiente, como tocar num fogão quente) pode ensinar as crianças o que não fazer.

Os animais aprendem o que não fazer da mesma maneira.

Há um número limitado de coisas que você pode aprender a não fazer antes de alcançar uma fase de não fazer nada. Os Hospitais mentais estão cheios de pessoas que „aprenderam” muito bem que não devem fazer nada.

Os animais aprenderão a fazer coisas quando recompensados. As crianças aprenderão fazer coisas quando recompensadas. O produto final da recompensa é Fazer.

O produto final do castigo é Não-Fazer.

Não-fazer é anti-social. Criminosos e loucos são anti-sociais. Eles não trabalham. Eles têm que ser sustentados por outros. Não-fazer é destrutivo.

Os criminosos e vândalos destroem. Fazer é construtivo. Pessoas sociáveis criam e constroem.

Não há muito tempo era geralmente aceite que as crianças que não fizessem o que lhes dissessem deveriam ser castigadas sem pensamento adicional ou qualificação, e acabou. Mais recentemente, pais iluminados adoptaram o princípio do bom comportamento ser recompensado e o mau comportamento castigando. Contudo, porque o produto final do castigo é não-fazer, insociabilidade e comportamento até pior, parece que um princípio até melhor é recompensar o comportamento bom e simplesmente penalizar ou não recompensar o comportamento mau. Recompense a sociabilidade. Não recompense a insociabilidade. Recompense o fazer. Não recompense o não-fazer.

Logo, se você sente que precisa de castigar a sua criança, lembre-se que tudo o que deveria ser preciso é força suficiente para a magoar momentaneamente. Se isto não é suficiente, quando aplicado junto com outras medidas de controlo que eu cobri, então nós, ou temos que estar a lidar com

uma criança problemática, ou um pai problemático, ou ambos, e isso é uma questão que está fora do âmbito intencional deste livro.

Não há nenhuma dúvida que algumas pessoas não concordariam com o que eu disse sobre a ineficácia do castigo. Se tais pessoas têm que insistir, sem qualificação, que o castigo é eficaz como medida de controlo, então deveriam achar que eu os deveria poder convencer do contrário batendo-lhes até à submissão e assim os controlar e os fazer concordar comigo. Agora eu estou seguro que você reparará que isto não funcionaria, e provavelmente verá bastante claramente como quase de certeza teria o efeito contrário.

Um ponto mais sobre controlo. Seja honesto com a criança. Não a tente enganar.

Exemplo: a Mãe. „Bem, vou para a cidade. Mantém o Johnny interessado no seminário até que eu volte”. O Johnny interessa-se pelo seminário. A Mãe vai-se embora, o Johnny vê que ela se foi e chora durante a próxima meia hora. O pai fica transtornado com isto e não faz o trabalho dele. Quando a Mãe chega a casa o Pai está irritável e culpa a Mãe e Johnny, e qualquer tipo de situação se pode desenvolver. Johnny não confia na Mãe ou no Pai a partir de então e grita e chora sempre que pensa que eles estão a ponto de o enganar, quer tenham ou não a mais leve intenção de o fazer, mas este é o menor dos sarilhos resultantes. Engane a sua criança e perderá a sua confiança e respeito. Engane a sua criança e dar-lhe-á automaticamente licença para lhe fazer o mesmo a si. Ela terá justificação adequada para o enganar a partir de então. Pode parecer bastante inofensivo quando uma de três anos o tenta o enganar, mas e quando tiver dezasseis anos? Lembra-se daquele padrão de comportamento mencionado antes?

Considere como você se sente com uma pessoa que o engana. Você não tende a retaliar enganando-a sempre que lhe parece vantajoso? A sua criança sente o mesmo, e se as coisas se deterioram ao ponto de não poder confiar nela e nunca saber se está a dizer a verdade ou não, você torna-se finalmente uma vítima infeliz do que originalmente foi a sua própria fraude. A fraude, mesmo do tipo „mentira inofensiva”, é conduta anti-social, e usada como meio de controlo só servirá para criar mais conduta anti-social.

Nalguma fase, à medida que progride através deste livro, pode ficar com a ideia que é colocada ênfase na atenção aos sentimentos e desejos da criança ao ponto de se poder tornar seu escravo virtual, e quase com medo de dizer ou fazer qualquer coisa que possa ferir a sua mente ou personalidade. Seria descuidado da minha parte deixá-lo com esta impressão. A mente da criança é bastante dura, posso assegurá-lo, e ela pode tolerar muito sem sofrer indevidamente ou ficar anti-social. Deve ser notado que os adultos também têm direitos, e eles são seniores aos desejos e caprichos infantis. As crianças têm o crescimento como uma das suas principais metas. Se ficar adulto significa perder direitos e privilégios, então para quê crescer? Os direitos dos adultos fornecem algumas das barreiras essenciais às liberdades da criança. A

insistência nos direitos de adulto é por isso uma medida válida real de controlo.

Note a diferença entre castigo e imposição de penalidades. As brechas de disciplina deveriam incorrer em penalidades conhecidas e concordadas. Recompensas e penalidades são algumas das liberdades e barreiras, e fazem parte do muito da trama e urdidura de qualquer jogo, quer seja um jogo de futebol, de criar uma família ou o próprio jogo global da vida.

Devidamente controlado e levando uma vida efectivamente e eficientemente controlada, é uma experiência agradável. Do outro lado da escala não há controlo, o que é confusão e caos, e a pessoa, homem, mulher ou criança que viver entre a confusão e o caos não é feliz nem sociável.

MAU COMPORTAMENTO

Haverá momentos em que você pensa que a sua criança está a ser malcriada ou a irracional e ficará a pensar no que fazer. Deveria tentar dirigir a sua atenção para alguma coisa que a interessasse? Deveria amá-la e confortá-la e raciocinar com ela? Deveria mandá-la para o quarto? Deveria ignorá-la? Deveria metê-la num armário escuro? Deveria gritar-lhe? Deveria ameaçá-la? Deveria dizer-lhe que o homem da saca a levará? Deveria negar-lhe todos os privilégios durante as próximas vinte e quatro horas? Deveria bater-lhe com um cinto? Meu caro! O que deveria fazer? Estes são alguns dos „remédios” que é provável que alguns dos pais tentem.

Os primeiros três destes métodos podem ser usados e bastante eficazmente de acordo com as circunstâncias. Os outros, alguns deles em particular, é provável guiarem a criança a um delírio furioso. Alguns deles são métodos usados em nós pelos nossos pais, e neles pelos pais deles e assim por diante, através das gerações. Este é um fenómeno conhecido como „contágio da aberração”. Costumes e hábitos passados deste modo são frequentemente tomados por conhecimento, ou assumidos como factores hereditários, o que definitivamente não é verdade. Esta cadeia de aberração pode ser facilmente quebrada por alguém que possua a informação fíável que está agora disponível em Cientologia.

Todos nós esperamos que as nossas crianças possam aprender coisas através de exemplos, e isso acontece, mas não podemos esperar que uma criança aprenda *apenas* através do exemplo do nosso bom comportamento. Ela também aprenderá com os pais e com outros exemplos de mau comportamento. Agora não há nada errado com isto em princípio. Ela tem que saber do bem e do mal, mas quando os pais se comportam mal na presença da criança, eles deveriam admitir isso perante a criança e deveriam buscar a compreensão dela quanto à sua quebra de conduta social. À primeira vista isto pode parecer ser incerto. Quase posso ouvir alguém dizer, „vejam lá, desculpar-me a uma criança pelo meu comportamento. Não tem nada a ver com isso. De qualquer maneira ela não compreenderia sobre o que era a discussão”. Mas a criança tem a ver com isso. Ela quer amar e respeitar os pais e é bem duro amar e compreender pessoas que aparentemente não se amam e compreendem umas às outras. Considere-se também isto: se você e o seu parceiro matrimonial fizessem uma cena em casa de amigos, você sentir-se-ia obrigado pedir desculpa não era? O seu amigo é adulto e tem sentimentos de adulto. As crianças podem ser só pequenos adultos, mas elas têm sentimentos semelhantes e merecem semelhante consideração. Crianças que não recebem desculpas e procuram compreensão relativa aos erros e más acções dos pais, vão „aprender” como se comportar e dramatizarão provavelmente a pior de cada atitude de pais no seu procedimento com outras pessoas, e, por sua vez,

com os seus próprios filhos. Esta é a espiral descendente do contágio da aberração.

Contudo, o que deveríamos fazer nós com a criança malcriada ou irracional? Em primeiro lugar o que queremos dizer nós por malcriado irracional?

EXEMPLO 1. Uma criança está a ser malcriada quando não quer comer? Não, quase nunca. Ela apenas não quer comer. Não sente fome. Isto não é um crime. Talvez ela se sinta um pouco indisposta. Considere como se sentiria se alguém lhe tentasse meter a comida pela garganta abaixo quando não tinha fome ou se sentia indisposto. Você objectaria. Logo, em tal caso, uma criança tem um acesso de raiva. Ela não está a ser malcriada ou irracional. Está a defender-se e tem direito. De facto, a criança que já é infeliz bastante para ter pais que a forcem a comer, vai ter que se defender muito e virtualmente criar-se a si própria se quiser permanecer saudável e sociável.

EXEMPLO 2. Uma criança está a ser malcriada quando se lança tumultuosamente rindo e gritando ao máximo da sua voz? Não, usualmente não. Isto pode aborrecer os adultos que têm aberrações e fobias quanto a movimento e ruído, mas não há nada de errado com estas acções da criança. Esta simplesmente é uma expressão natural de bem-estar de uma criança que está a desfrutar da vida, e deveriam permitir-lhe desfrutar da vida.

EXEMPLO 3. A criança está a ser malcriada se pegar num banco, subir à pia da cozinha, tentar lavar os pratos e quebrar a sua melhor fruteira? Não, não está a ser malcriada. Ela está a tentar ajudar. Tentará ajudar de todas as maneiras. A fim de se sentir segura na família têm que lhe permitir contribuir. Se você não lhe permitir ajudar ela sentir-se-á insegura e fará todas as espécies de coisas irreflectidas para chamar a sua atenção, ou, a versão inferior de atenção, a condolência. Logo, ela faz estragos e quebra coisas e grita e chora por atenção e magoa-se para obter condolência. Recusando ou depreciando a sua ajuda você criará sarilhos futuros para si próprio, para ela e mais tarde na vida, para outras pessoas. Outra coisa também é que a contribuição da criança deve ser a contribuição DELA. Ela tem que pensar no que pode fazer para ajudar e ser-lhe permitido fazer isso. Não é suficiente dizer que a sua contribuição é levar recados. Você pode sugerir métodos pelos quais nós podemos contribuir, certamente, mas se ela não gosta do que você selecciona, então não é a contribuição dela. É claro, algumas destas contribuições podem ser considerados como as barreiras mencionadas como necessárias, e tudo o que tem que observar é não lhe dar demasiadas tarefas dessas. A coisa mais importante a saber é que recusar a ajuda de uma criança é arruiná-la.

EXEMPLO 4. A criança é malcriada se derrubou uma chávena da mesa ou entornou o leite? Não, não usualmente. Os pais também têm acidentes desses, embora eles tenham um muito melhor controlo dos seus corpos do que as crianças. Como é que você se sentiria se alguém lhe ralhasse, o amaldiçoasse ou o castigasse cada vez que tivesse o mais pequeno acidente?

Um remédio melhor é de facto ter tempo para dar a uma criança mais a prática de manejar chávenas e deitar leite ou água de um jarro. A criança aprenderá a manejar melhor as coisas, desfrutará disto como um jogo, adorará fazer isso e adorá-lo-á por o ajudar e o encorajar a superar a falta de jeito dela. Isto é o tipo de coisa que faz parte do esforço típico de uma criança para ajudar. Ela quer poder fazer coisas para ela própria, deitar o seu próprio leite e usar uma chávena para beber, tal como um adulto. A sua criança quer crescer. Os adultos são grandes, fortes e capazes. A sua criança quer ser grande, forte e capaz. Isto é sobrevivência. Ela está a tentar sobreviver. Ela quer contribuir de qualquer forma, o que a ajuda a crescer para ser auto-determinada e auto-suficiente. Se você a ajuda a fazer isto, então são alinhadas as suas metas e as metas dela. Se você lhe ralha por ter tentado ser auto-determinada e auto-suficiente, então você está em propósitos cruzados com ela e isto cria sarilhos para si e para a criança.

EXEMPLO 5. Contudo, há alturas quando por semelhantes razões de sobrevivência uma criança é deliberadamente malcriada, de propósito, e bastante analiticamente. Estas são as vezes que você poderia estar justificado por a castigar. Por exemplo, ela está a subir pela fita da persiana acima. Você diz-lhe que pare com isso. Ela lança-lhe um olhar descarado, e diz: „está maluco”, e sobe pela fita. Esta provavelmente é uma ocasião para castigo. A criança está a desafiar-lo analiticamente, testa conscientemente a força dela contra a sua e espera as consequências que ela está preparada para aceitar, se perder a competição. Você na verdade baixará na sua estima se não lhe proporcionar algumas consequências para ela experimentar. Considere que tipo de respeito teria para com um chefe que humildemente aceitasse ser mandado para o inferno. Considere a “enxovia” em que um negócio entraria se todos os empregados pudessem fazer o mesmo. Em tal caso você reconheceria a necessidade de disciplina rígida. A sua criança também.

EXEMPLO 6. As crianças exibirão várias aberrações e fobias de vez em quando. Uma criança pode ficar frenética e fazer coisas irreflectidas quando ouve o ruído de um carro de bombeiros. A sua presença, confiança e amor é provavelmente tudo aquilo que usualmente é exigido. Outra simplesmente odiará água na cara e gritará e dará pontapés quando lhe tenta lavar a cara. Outra tem que usar um certo fato mesmo que esteja a lavar, e todo molhado. Ela não responderá ao raciocínio, ela não olha aos factos que você lhe apresenta (o fato molhado) e gritará e chorará e resistirá a ser vestida com qualquer outra coisa.

Em tal ocasião a felicidade futura e sociabilidade de sua criança está muito nas suas mãos. É verdade que você pode bater na criança nestas ocasiões para um estado de apatia e ela ficará dócil e controlável, e um pai ignorante provavelmente ficaria contente por alcançar tal resultado para a sua própria paz de espírito, temporária. Note que eu digo, „temporária”, pois era só isso que seria. Uma criança tratada repetidamente deste modo, em vez de

ajudada com compreensão a subjugar o conteúdo irracional da mente reactiva, é provável tornar-se um terror anti-social. Depois eu lhe darei um processo que você pode usar para lidar com tais situações. Se você não usar o processo sugerido, se não tiver o tempo nos momentos particulares ou, se pensa que faria uma confusão se o tentasse, então a próxima melhor coisa a fazer é deixar a criança só, algures onde não possa causar nenhum dano até que descubra a sua própria maneira de sair do problema. Confira de vez em quando como ela está e ponha-a de volta na rotina normal assim que lhe pareça bem. Esta é a técnica: „Vai para o teu quarto”.

Dos exemplos que eu dei você verá que a denominada „má-criação” pode ser dividida em certas categorias como segue:

1. Acções que não são realmente malcriadas, mas assim consideradas por um pai particular.

Tais coisas são consideradas malcriadas por um pai por causa das aberrações do pai. Estas aberrações são produtos do conteúdo da mente reactiva do pai modificados pelo treino e experiência recebidos durante a vida dele.

2. Puros acidentes devido à inabilidade e inexperiência da criança.

Alguns pais não os reconhecem estes como trivialidades que realmente são, e ficam desnecessariamente e até descontroladamente emocionais e transtornados por eles.

3. Tentativas para ajudar ou contribuir.

É provável que os pais interpretem mal tal tentativa como interferência pela criança no que eles estão a fazer. Isto é simplesmente devido a um equívoco da intenção da criança, e a falta de conhecimento do significado de ajuda nas relações e desenvolvimento humanos. Aqui outra vez, a mente reactiva do pai introduz a sua experiência aberrativa no que deveriam ser observações e conclusões puramente analíticas.

4. Desafio deliberado, propositado da autoridade parental.

Esta pode ser parte da experiência normal de qualquer criança com as suas faculdades de estabelecer o seu próprio „potencial de sobrevivência ótimo”, um conjunto de valores e relacionamentos com respeito a outras pessoas e ao ambiente. Estas experiências são uma parte essencial da educação dela. Lembre-se, a criança é basicamente boa, e quem é basicamente bom estará sempre a esforçar-se de alguma maneira para melhorar o seu estado presente e a realizar todo o potencial desta bondade básica. Por isso, pode ser necessário fazer algumas coisas más, cometer alguns erros, só para descobrir que são más e quanto, em comparação com outros possíveis cursos de acção.

5. Má-criação reactiva.

Este é o produto da mente reactiva da criança. Ela não premedita consciente ou analiticamente ser malcriada em tais casos. Ela não pode fazer outra coisa. Está a ser malcriada e sabe disso, mas não sabe o que fazer. É incapaz de se ajudar quando uma destas aberrações da mente reactiva é restimulada. Nestas ocasiões ela precisa de compreensão e ajuda qualificada.

Você notará que o único vilão de tudo isto é a mente reactiva. Este livro é intencionalmente sumário demais para lidar com isso em detalhe, mas um conhecimento da sua existência, e alguma ideia do que é, do que faz e do que pode fazer, é vital!

A MENTE REACTIVA

„A mente reactiva é aquela porção da mente de uma pessoa que trabalha numa base de estímulo-resposta (dado um certo estímulo, dá uma certa resposta) que não está sob controlo volitivo e que exerce força e poder de comando sobre a consciência, propósitos, pensamentos, corpo e acções”. (Definição do Dicionário de Cientologia compilado dos trabalhos de L. Ron Hubbard).

Qual o propósito desta parte da mente? Bem, é suposto proteger-nos em momentos de emergência, logo consiste de um registo de todas as vezes que experimentámos algum perigo ou emergência ameaçadora da nossa sobrevivência. Este registo é muito, muito detalhado e completo, com todas as percepções, visões, sons, cores, cheiros, gostos, vozes, palavras e emoções. A ideia é que, se uma emergência semelhante ocorrer outra vez, então uma ou mais das percepções contidas na emergência original servirá para restimular o registo prévio, que também é completado com a acção bem sucedida de sobrevivência tomada.

A ideia parecia boa no princípio, e de facto foi aparentemente necessária a um desenvolvimento da evolução da espécie humana numa altura em que a vida era primitiva, no tempo das unhas e dentes. Contudo, isso foi há muitos milhares, possivelmente milhões de anos atrás, e com o desenvolvimento da linguagem, a mente reactiva ganhou tremendamente em poder, pois contém agora palavras com valor de comando (como sugestões hipnóticas) e o seu comando deve ser reactiva ou compulsivamente obedecido, sem conhecimento e sem controlo. Uma frase como: „estou morto para ver”, literalmente aplicada pela mente reactiva pode significar o que diz, insanamente, exactamente que tem que ele morrer literalmente a fim de ver. Mas a pessoa quer sobreviver, para viver. A única maneira de ficar vivo então, seria ser cego, e a mente reactiva vai amavelmente precipitar algum sarilho com os olhos que possa resultar em cegueira. Isto é o que significa „doença psicossomática”, e tais doenças incluem pelo menos 70% e possivelmente até 95% de todas as doenças. Na mente reactiva nós tínhamos originalmente alguma coisa desenvolvida para aumentar as nossas oportunidades de sobrevivência, mas que agora nos faz estúpidos, irracionais e doentes, e é até capaz de nos matar prematuramente, minorando sempre, nestes tempos modernos, o nosso potencial de sobrevivência. O próximo passo evolutivo é por isso manejar e apagar esta imbecil mente reactiva, e começar a tomar as nossas próprias decisões analíticas em vez de sermos guiados por compulsões irracionais.

Bem, como eu disse, a ideia da mente reactiva parecia boa no princípio, até que descobrimos que não aplica nenhuma lógica a qualquer situação. Se uma ou mais das percepções numa situação de tempo presente for semelhante a uma ou mais das percepções de uma situação passada, nós reagimos da

mesma maneira à situação presente como o fizemos no passado, e isto é de loucos. Esta mente trabalha numa base puramente mecânica. Não faz e não pode lidar com diferenças na situação, por isso aplica o remédio de uma situação perigosa do passado ao que só é aparentemente perigoso no presente, e aplica sempre a mesma solução ao que na verdade são problemas e situações muito diferentes.

Durante milhares de anos todas as espécies de credos, cultos, “ologias” e “ismos” tentaram encontrar maneiras de expulsar diabos e demónios das mentes dos seus desafortunados seres. O diabo que eles perseguiram também estava nelas. Era a mente reactiva deles. Toda a gente no mundo excepto alguns milhares (actualmente) de pessoas extraordinárias conhecidas, tem uma mente reactiva e sofre dos seus efeitos. É agora um passo muito urgente e necessário no nosso adicional desenvolvimento evolutivo, do que nós sabemos, manejar, controlar e finalmente apagar esta parte antiquada, inútil, perigosa e diabólica da mente. Se nós não a controlarmos, então ela nos controlará e possivelmente até nos apagará como espécie. Logo, quanto mais cedo começarmos a ajudar as nossas crianças a controlar as suas mentes reactivas, melhor.

Eis um hipotético, mas não obstante exemplo típico de comportamento da mente reactiva. Uma criança leva com um sopro forte de éter acidentalmente logo quando está a nascer. Isto é acompanhado por um esguicho de alguma coisa molhada na cara e o ruído de uma carro de bombeiros a passar na rua. A criança está a sentir-se muito embriagada, os olhos estão embaciados e as passagens nasais e brônquicas cheias de fluidos. Ela está neste momento a tentar sobreviver desesperadamente. Todas estas coisas e muito mais são percepções registadas pela mente reactiva. A criança chora, luta e esbraceja e esperneia e tem um sentimento de hostilidade para seja o que for ou quem lhe causou o desconforto, e isso parece ameaçar a sua sobrevivência. Ela obtém atenção imediata, palavras calmantes e é embrulhada num manto azul ficando confortável, e por isso sobrevive. Dois anos depois, sem memória consciente de todo este incidente, ele visita a loja de um químico com a mãe. Na ocasião não se sente muito bem. O químico acaba de misturar uma prescrição que contém éter, e o cheiro invade a loja. Um carro de bombeiros passa com a sirene a tocar. A criança sente-se imediatamente desconfortável e alarmada. A mãe está ocupada a falar e nem repara. Ela chora e a mãe ralha-lhe. Ela fica difícil para o resto do dia, e no banho nocturno foge de lavar a cara. Outra discussão com a mãe, mais uma repreensão e ela deita-lhe água à vontade na cara. Alguma entra-lhe pelo nariz. Ela parece começar a sufocar. Para a criança é como se todas suas passagens nasais e brônquicas estivessem cheias. Ela chora e esperneia e é contida. Depois do banho teima em usar o pijama azul que está a ser lavado e não lhe pode ser feito compreender por que razão não o pode usar. No dia seguinte está bastante doente com temperatura alta e um resfriado danado, e ainda teima em vestir o pijama azul que, afortunadamente, lhe pode ser dado agora. Durante os próximos dias fica adoentada e difícil de lidar, mas obtém finalmente mais ou menos a

atenção exigida pelo registo original da mente reactiva, e assim sobrevive uma vez mais.

Este poderia ser um incidente muito típico no qual a mente reactiva está envolvida. Esta mente não só pode precipitar todas as espécies de doenças, mas também é responsável por todo comportamento irracional e anti-social. Onde quer que nós encontremos um comportamento incontrolável, irracionalidade, actividade anti-social, crime, insanidade e a maioria das doenças, podemos estar seguros, absolutamente seguros que a mente reactiva é a causa.

Afortunadamente, hoje em dia, graças á Cientologia, nós podemos fazer alguma coisa sobre isto. Antes da Cientologia ninguém sabia da existência da mente reactiva, embora existisse muita especulação sobre o que foi chamado de „mente subconsciente”. Muito pouco era conhecido da operação desta parte da mente ou suas capacidades, e quase nada era conhecido sobre o que fazer efectivamente. Isto pode agora efectivamente ser lidado. Cientologistas completamente treinados e altamente qualificados, usando as poderosas técnicas de processamento mental podem, de facto, elevar a capacidade de qualquer pessoa média a tal grau que, não só pode lutar contra a sua mente reactiva, mas manejá-la e controlá-la, e finalmente apagá-la completamente de forma que já não fique sujeita à sua influência. Isto provoca um estado de saúde, bem-estar e liberdade da irracionalidade que era previamente desconhecido do Homem. As pessoas que alcançam este estado de capacidade são conhecidas como CLAROS. O termo CLARO significa simplesmente que tais pessoas foram clarificadas da aberração mental. Há hoje várias centenas de Claros no mundo, e o número deles está a aumentar rapidamente, pois cada vez mais pessoas se valem dos serviços de Cientologia.

Para os pais que só querem saber mais sobre como ajudar e manejar melhor as crianças, as implicações de tudo isso podem parecer desnecessárias e serem postas de parte de momento. Mesmo sem estudo extenso, muito pode ser feito para ajudar as crianças a manejar as suas mentes reactivas. As coisas necessárias são muito simples, mas, não obstante, minimizarão a confusão e sarilhos em que, caso contrário, indubitavelmente resultariam. Usando técnicas muito simples, um pai pode “processar” os seus próprios filhos quando a necessidade surge. Este não é nenhum substituto para uma verdadeira Clarificação de crianças e pais, mas leva muito pouco esforço, muito pouco tempo, e o resultado é de longe o melhor e o mais facilmente atingível de sempre.

Quanto melhor nós manejarmos a nossas crianças agora, mais facilmente serão capazes mais tarde de atingir o estado de Claro e jogar uma parte vital no desenvolvendo de um muito melhor tipo de vida do que antes tem sido possível. Mesmo se que não prossigam para voos maiores, ainda serão mais sociáveis como adultos do que nunca teriam sido.

ALGUNS PROCESSOS SIMPLES

Dos capítulos precedentes reparará agora que quando a sua criança está a agir irracionalmente, irracionalmente e anti-socialmente, um incidente da mente reactiva está em restimulação. Observe também, do exemplo dado da operação da mente reactiva, que a criança neste momento está a viver de facto no passado. A atenção dela foi dirigida para o incidente do passado através de restimuladores de tempo presente, e os seus pensamentos, acções e sentimentos são ditados pelo conteúdo do incidente do passado. A restimulação de tempo presente é chamada sintonia (key-in), e só ocorre em ocasiões de consciência reduzida provocada por dor ou perturbação de tempo presente. A acção de desrestimular o incidente passado é chamada dessintonia (key-out). Dessintonizar um incidente com técnicas muito simples não é equivalente a apagá-lo com perícias muito mais altas, mas é não obstante uma realização muito válida.

Como é que efectuamos uma dessintonia? Simples. A atenção da criança está presa no passado, logo nós dirigimos a atenção dela para o presente, mandando-o pôr a atenção no ambiente imediato de tempo presente repetidas vezes, o necessário para dessintonizar o incidente. Eis como é feito. Assumamos que a criança está a gritar, a espernear, a lutar, a chorar e não o ouvirá a si, não falará consigo e não o verá, ou, talvez ela esteja mal-humorada ou apática e não se interesse por ninguém ou coisa nenhuma. Seja o que for, ela está claramente fora de controlo e fora de comunicação consigo e com o ambiente presente. O propósito do que estamos a querer fazer é estabelecer controlo para a criança, pô-la em comunicação consigo e com o ambiente presente, e então dar-lhe o controlo de volta a ela quando puder assumi-lo outra vez. Considere esta analogia. Se você estivesse a guiar com um amigo e ele ficasse inconsciente ao volante do carro em movimento, você faria exactamente a mesma coisa. Tirar-lhe-ia o controlo do carro (o corpo da sua criança), reanimava o seu amigo (trazia a atenção da sua criança para o tempo presente), pedia ao seu amigo para lhe falar sobre o que tinha acontecido (estabelecia comunicação com a sua criança), e só entregava o controlo do carro ao seu amigo quando estivesse satisfeito que seria capaz de guiar outra vez (deixava a sua criança controlar o seu próprio corpo outra vez).

Espero que esta analogia seja suficiente par assegurar que não há nada de místico sobre o que seria feito. Em Cientologia é tudo tão simples quanto isto. Uma das razões principais do Homem não ter conquistado a mente antes, é que ele estava à procura de uma tremenda complicação enquanto que as respostas são na verdade muito simples.

Eis o processo completo com todo o fraseado que você usará.

Para a criança transtornada: „podemos fazer alguma coisa para te ajudar?“

A criança provavelmente não responderá se estiver tão mal quanto nós assumimos, logo, assumimos que ela concorda e dizemos: „está bem”, „bom”, „bom”, ou „obrigado”, como se ela tivesse concordado, e tendo-a preparado agora para o que vamos fazer, damos -lhe o primeiro comando: „toca nessa parede”, e indicamos a parede através de um gesto.

Se a criança não lhe toca você pega-lhe na mão e, usando só bastante força para levar a cabo o seu comando, encosta a mão na parede. Agradece então à criança por ter tocado na parede como se ela o tivesse feito de boa vontade. Então: „toca nessa porta”, com o mesmo procedimento outra vez, incluindo o reconhecimento, e então: „toca nesse piano”, e assim por diante com muitos objectos. Note particularmente que não há nenhuma conversa diferente dos comandos e reconhecimentos. Se a criança origina algo como: „estou a ouvir um carro de bombeiros”, simplesmente reconheça com „está bem”, e prossegue com o próximo comando: „toca nessa cadeira” .

Inclua partes do corpo dela e partes de seu corpo, de vez em quando, como objectos. O processo não é terminado até a criança começar a tocar nos objectos sem os seus comandos terem que ser forçados fisicamente. Isto só deveria levar um pouco de tempo. Termine quando o processo lhe parecer num ponto razoável, em que a criança não está tanto fora de controlo, e então deixe-a só durante algum tempo para se restabelecer.

À medida que faz o processo você pode achar que a condição da criança parece piorar e melhorar e piorar e melhorar e outras mudanças. Isso é bom. A coisa principal é que já não esteja emocionalmente presa. Se estiver presa não pode mudar nem para pior nem para melhor. Quando está a mudar pode mudar para melhor. Nós queremos que ela fique mais razoável e sociável, mas podemos ter que a ajudar através de alguns remendos duros no caminho. A máxima é: O PROCESSO QUE PROVOCA UMA CONDIÇÃO É O MESMO QUE, SE CONTINUADO, A ELIMINARÁ OUTRA VEZ. Logo, não fique desanimado se ela parecer ficar pior. Insista até que melhore e recupere pelo menos alguma vontade para tocar nas coisas e comunicar consigo. Então, termine o processo.

Agora, suponha que, feito o processo um pouco, a criança tem um par de vezes piores e melhores e agora, pela primeira vez, ela alcança por si própria e toca nalguma coisa. No próximo comando ela alcança, toca no objecto e olha para si para aprovação ou reconhecimento. Agora verá por que razão lhe tem acusado sempre a recepção. Ela está agora obviamente muito melhor, logo preparamos a forma de terminar o processo dizendo: „podemos fazer isto só mais duas vezes e então terminarmos?” A criança concordará agora usualmente, mas pode dizer algo como: „mais, por favor”. Se obtemos o acordo dela para terminar, damos só mais dois comandos e dizemos: „este foi o último. É o fim disto”. Se ela quisesse continuar daríamos mais alguns comandos e então, se ela ainda estivesse contente, tentávamos outra vez o seu acordo para terminar.

Uma absolutamente tremenda quantidade de tecnologia e conhecimento está inocentemente por trás da simplicidade aparente deste processo e seu fraseado. Por exemplo, a ideia de o preparar para o que irá acontecer deveria ser estendida às outras actividades normais da criança. Quando você quer que ela vá para a cama, não o pára de repente no meio de um “voo” e o arrebatada aos brinquedos e jogos. Você prepara-o dando-lhe, digamos, cinco minutos de advertência: „dentro de cinco minutos” ou, „daqui a pouco”.

“Quero que deixes de jogar e vás para a cama”. Então, quando os cinco minutos passaram, „acabou o jogo por esta noite. Fim do jogo”. O seu ciclo de acção termina.

Eu mencionei antes uma mãe que saiu. Uma vez mais nós preparamos o Johnny para isto dizendo-lhe com antecedência que a mãe vai sair. Quando ela sai não há uma quebra súbita. A criança está informada. Está preparada. Os pais pensam frequentemente que pouparão preocupações e sarilhos se não prepararem uma criança para o que está para vir. Por exemplo, quando uma criança leva a primeira injeção, muitos pais dir-lhe-ão que não se preocupe pois não vai doer e o médico é boa pessoa. Bem, o médico é boa pessoa, é verdade, mas a injeção provavelmente doerá um pouco e deverá ser dito à criança que vai doer um pouco. Considere como se sentiria se o seu médico não o preparasse e de repente fizesse alguma coisa dolorosa. Considere como se sente com médicos que o tentam enganar com falsa informação sobre a sua condição, o que você descobre ser mentira. Você não gosta de médicos que fazem isto e não confiaria neles nem um segundo, ou confia? Se não quer que a sua criança sinta a mesma coisa em relação a si diga-lhe a verdade. Prepare-a para o que vai acontecer.

Não menospreze o valor destes processos de „tocar em coisas” porque parecem tão radicalmente simples. São poderosos! Também têm muitas recompensas. Ensinam os pais e a criança o bom controlo. Mostram como preparar tanto o início como o fim de um ciclo de acção de forma que não haja abruptos, inesperados inícios e paragens. Demonstram a importância de um início e um fim definidos em cada ciclo de acção. Ensinam a comunicação e dão a prática de obter acordo quanto ao que será feito e quanto a acusar a recepção do que está a ser ou foi feito. Há outra coisa consideravelmente gratificante para os pais. Quando uma criança está com um acesso de raiva muitos perdem o auto-controlo. Não sabem o que fazer para o melhor. Sentem-se desvalidos, confusos, frustrados e zangados, porque falharam todas as tentativas de se raciocinar com a criança. Este é o efeito da mente reactiva do pai sobre o próprio pai. Logo, este processo dá aos pais alguma coisa que eles podem fazer, e põe-os em auto-controlo.

Até este ponto eu tenho falado principalmente de uma criança que tem uma mente reactiva e não pus muita tensão no facto de que o pai tem uma mente reactiva também e está da mesma maneira sujeito ao seu efeito. Isto é verdade, é claro, e o pai comum tem muito, muito mais irracionalidade

sintonizada do que a criança comum. Sintonizar incidentes que contêm carga emocional violenta tirará certamente o nosso controle, e nós reagiremos como bonecos, mas a maior maioria dos incidentes são comparativamente leves e as reacções compulsivas destes, contanto que os reconheçamos como tal, podem ser controladas até certo ponto através de uma educação normal e treino, contanto que estejamos geralmente em boa forma. Contudo, levar a cabo as sugestões que eu fiz e até usar efectivamente os processos muito simples dados neste livro, exigirá um grau de paciência e compreensão que provavelmente está para além da capacidade presente de alguns pais. Deveria ser óbvio que o pai que está tanto sob a influência da sua própria mente reactiva não pode deixar de ficar zangado e frustrado quando a criança tem um acesso de raiva, e é muito improvável poder fazer qualquer coisa útil. Ele teria que poder fazer alguma coisa quanto a controlar primeiro o seu próprio „acesso de raiva” antes de poder esperar fazer qualquer coisa pela criança.

Há ocorrências quase diárias de pais mutilando e matando crianças mesmo em ataques incontroláveis de ira. Daí o conselho de que, se você duvida da sua capacidade de manejar uma situação efectivamente com a sua criança, é melhor deixá-la só simplesmente até as coisas se equilibrarem outra vez no seu próprio tempo. Uma maneira melhor de lidar com este problema, contudo, é os próprios pais terem treino e processamento de Cientologia para os equipar, não só para criar as crianças, mas também para os ajudar nos seus próprios problemas pessoais.

Mais ma coisa gratificante deste processo „tocar em coisas” é que a criança a quem é permitido e até é encorajada a tocar em muitas coisas enquanto sob supervisão, satisfaz o desejo natural de tocar nas coisas. Por isso, enquanto visita, é muito mais provável evitar mexer no precioso cristal da Avó.

Através de todo este CAPÍTULO você tinha provavelmente uma criança de uma certa idade em mente, mas tenho que lhe assegurar que pode correr este processo com benefício em toda a gente, desde um bebé de uma semana até um adulto de noventa. Em crianças muito jovens há ainda outra vantagem. Acelera a aprendizagem. Quando você lhes diz que toquem em muitos objectos nomeados, elas aprendem muito mais cedo os nomes de todas as coisas do ambiente do que no caso contrário. Elas também se interessam sempre pelos ambientes e perguntam os nomes das coisas novas que encontram.

Não espere até a sua criança ter algum sarilho antes de experimentar o processo. Teste-o um pouco de vez em quando, quando a criança está bem e feliz. Você achará que ela desfruta de „tocar em coisas” e esperará „jogar esse jogo um pouco mais”. Só para ter a certeza que você não perdeu os detalhes das explicações juntas, eis aqui outra vez o fraseado básico do processo.

„Podemos fazer alguma coisa para te ajudar?”

„Bom”. (Quer concorde ou não).

„Toca nessa parede”. (Indicando a parede, pegando-lhe na mão e encostando-a à parede se ela não o fizer).

„Obrigado”.

Repita com muitos objectos e partes do corpo, e então, quando a criança parece ter melhorado:

„Podemos fazer isto só mais duas vezes e terminarmos?”

„Bom. „(Desta vez com o acordo dela). „Toca nesse piano”.

„Obrigado”.

„Toca nessa cadeira”. „Obrigado”.

„Foi o último. Acabou”.

Sessões de processamento muito breves são a regra para crianças muito jovens, pois a atenção delas é bastante pouca. Podem ser dadas sessões mais longas aos adolescentes e adultos, mas lembre-se, não há nada de mágico nisto. Ninguém o faz uma hora por dia como na prática de piano. Use só o processo quando é preciso e só o necessário, e ocasionalmente talvez para um pouco de diversão.

Outro processo útil no manejo de crianças é a ASSISTÊNCIA de TOQUE. Quando uma criança bate ou tem contusões ou outras lesões nalguma parte do corpo, ela pode ser ajudada imediata e consideravelmente com este processo simples.

EXEMPLO: a Criança acaba de cair e bater com a cabeça num degrau de cimento. Um inchaço azulado começa a formar-se, mas nenhuma imediata primeira ajuda é exigida. Proceda como segue:

„Podemos fazer alguma coisa para te ajudar?”

Quer ela concorde ou não nós assumimos que temos o seu acordo e continuamos.

„Bom. Toca naquele degrau”. (Pegando-lhe na mão encostando-a ao degrau se ela não o fizer).

„Obrigado”.

„Toca na tua cabeça”. (Obrigando fisicamente outra vez o comando se necessário).

„Obrigado”.

„Toca nesse degrau”.

„Obrigado”.

Continue com estes comandos alternadamente até a criança deixar de chorar ou se sentir obviamente bem e tocar até certo ponto de boa vontade nos lugares indicados, então:

„Podemos fazer só mais duas vezes e terminar?”

„Bom”. (Desta vez com o acordo dela).

„Toca nesse degrau. Obrigado. Toca na tua cabeça. Obrigado. Foi o último. Acabou”.

Note particularmente que não há nenhuma outra conversa casual, nenhuma condolência babada, nenhuma censura por ser tola ou desajeitada, ou qualquer coisa assim. Mostre amor, compaixão, conforto, interesse, atenção e compreensão, mas não condolência. Naturalmente se a criança está muito ferida e a sangrar ou quebrou ossos, você aplicará primeiro medidas de ajuda e, se necessário, procure atenção médica qualificada, mas feito isto, ponha de volta em comunicação com o ambiente e o corpo pelo uso deste processo. As razões porque faz o processo em absoluto é que, primeiramente a criança supera os efeitos imediatos muito mais depressa, e, secundariamente a lesão cura muito mais depressa. A razão principal porque uma lesão física não cura, quando não o faz, é que a criança saiu de comunicação com a parte lesionada. Restabeleça esta comunicação e os processos curativos físicos funcionam mais depressa.

A assistência de toque pode às vezes ser usada em queimaduras com resultados que parecem quase milagrosos. O início e o fim do processamento são iguais aos anteriores e só os comandos são diferentes. De facto há só um comando que é repetido muitas vezes. O comando é: „Põe a tua atenção no meu dedo”. Você toca na pele da criança, algures fora da verdadeira área queimada e diz: „Põe a tua atenção no meu dedo”. Você agradece-lhe então por o ter feito e, movendo o seu dedo para um novo ponto, repita o comando. Você continua a mover o dedo para outro ponto em cada comando, agradecendo-lhe por ter levado a cabo cada comando, trabalhando gradualmente para a localização mais severa da queimadura. Se você está a ter sucesso com um dos casos “milagrosos” deste tipo, verá mudanças na verdade marcadas como o vermelhão ao redor da área queimada a diminuir, e saberá facilmente quanto se pode aproximar do centro da queimadura. Não fique surpreendido se a queimadura não desaparecer completamente em pouco tempo, pois isto pode acontecer. Não fique desapontado se não produzir um „milagre” de cura à primeira tentativa com o processo. Tenha a certeza que seja o que for que fizer deste modo para pôr a criança em melhor comunicação com a área queimada, ajudará a acelerar a cura.

As condições não são muitas vezes ideais para estas assistências, é claro. Ou você não tem tempo, há muito distração, ou está a chover a cântaros ou algo assim, mas faça o que puder, quando puder. Vale sempre a pena. Outra vez, não menospreze a eficácia destes processos. Em operação eles são

directamente comparáveis, e até mais eficazes do que a técnica de ter um piloto que acaba de ter um desastre de avião, e ir imediatamente outra vez para o ar.

Há mais um tipo de assistência simples que eu recomendarei neste livro e isto tem a ver com alguma travessura que uma criança fez, sabe que fez, lamenta ter feito e agora não sabe o que fazer sobre isso, e logo continua preocupada. Se ela não encontra alguma maneira de deixar ou lidar com este sentimento de culpa, isso a conduzirá a um comportamento anti-social. Isto usualmente toma a forma da justificação o ACTO, considerando que a pessoa contra quem o acto foi perpetrado o mereceu, porque essa pessoa lhe fez alguma coisa a ela. Então, ela inventará alguma coisa que aquela pessoa lhe fez, e, se puder ter a consideração de ser bastante real para ela, então também pode considerar com realidade que o seu acto está realmente justificado e por isso não realmente mau. Isto, parece, é um das armadilhas em que os seres humanos simplesmente caem, porque são basicamente bons e por isso lamentam as acções que magoaram os outros.

A maneira mais directa de lidar com o problema seria a criança ser responsável pelo seu acto simplesmente dizendo que foi ela que fez, mas está tudo bem ligado à mente reactiva que „sabe” que é provável que a sua sobrevivência sofra e que poderá ser lesada (castigada) ou ridicularizada se o fizer, logo, a „confissão” é difícil e raramente oferecida. Quando é oferecida a pessoa que confessa experimenta alívio considerável e fica muito mais sociável, não só com a pessoa lesou, mas com toda a gente. Logo, quando você vê a sua criança mal humorada, sombria ou irritada, quando ela parece quase estar a tentar provocar uma briga consigo de propósito, ou o evita, então você pode ter a certeza que ela lhe fez alguma coisa, ou alguma coisa que considera não dever ter feito. A maneira de a ajudar é pô-la a comunicar consigo sobre o seu acto perguntando-lhe primeiramente: „fiz alguma coisa errada?”, e você pode ter feito, ou ela pode considerar que você fez, e dir-lhe-á. Agora, quando ela lhe diz alguma coisa que você fez, simplesmente compreenda e acuse-lhe a recepção ao que ela diz. Não tente justificar o que fez ou de forma alguma entre na discussão do assunto. Simplesmente diga: „Bom. Obrigado por me dizeres”. Isto dar-lhe-á um pouco de alívio e um pouco confiança para lhe dizer mais. E há mais. Há o outro lado a que você chegará fazendo a pergunta: „tu fizeste alguma coisa errada?” Se e quando ele lhe diz alguma coisa que tenha feito de mal, outra vez você simplesmente compreende e reconhece: „Bom. Obrigado por me dizeres”. É muito importante que você não fique zangado, argumente, a censure ou a aconselhe sobre o que ela fez. Você não deverá demonstrar surpresa, desgosto ou horror ou qualquer outra coisa excepto atenção, interesse e compreensão. A criança está a mostrar-lhe o fundo da sua alma, confiando em si implicitamente. Se a decepcionasse uma vez que fosse em tal circunstância, ela nunca mais poderia confiar em si para a ajudar outra vez com os seus problemas emocionais. Uma reacção não incomum a esta pergunta será que ela se debulhará em lágrimas e descair-se-á

com algo que lhe terá feito, ou que considere ter-lhe feito, o que é realmente bastante trivial para si, mas que é muito importante para ela, e o que, através da sua contenção, assume tremendas proporções na mente dela.

Estas perguntas não podem, é claro, ser feitas a um bebé ou uma criança tão jovem que não as compreenda ou que ainda não possa falar. O primeiro ponto de entrada na vida de uma criança com este tipo de coisas é a desculpa vulgar. Sempre que ela faz alguma coisa a alguém, dá pontapés à irmã, ou algo assim, então, se possível, mande-a pedir desculpa. O conhecimento técnico por trás de tudo isso e a forma como seria manejado profissionalmente, está para além do âmbito deste livro, mas você notará que não há nada do novo sobre os princípios envolvidos. Já eram conhecidos há séculos e serão encontrados nalgumas religiões que têm a confissão, em declarações tais como: „a confissão é boa para a alma”, e em comum, as desculpas quotidianas uns aos outros. Tudo o que você realmente precisa saber sobre isto para ajudar imediatamente as crianças mais jovens, é encorajá-las a pedir desculpa quando fazem alguma coisa errada. A grande acção do seu pensamento sobre isso reduzirá a carga emocional do acto, e isso torná-las-á mais felizes e mais sociáveis.

Outra coisa importante é o que é conhecido como CONTENÇÃO. Uma criança que está a conter alguma coisa que pensa que deveria dizer, também tenderá a agir estranhamente, evitá-lo-á, e será geralmente mal-humorada, e quanto mais muito tempo ela o retém, maiores proporções a contenção assume na sua mente. O gradiente para conseguir que ela largue esta contenção é perguntar-lhe num momento conveniente: „há alguma coisa que gostarias de me dizer?”, ou, mais fortemente: „há alguma coisa que pensas que me deverias dizer?”. Pergunte isto só uma vez e aceite e acuse a recepção a qualquer resposta. Não pergunte outra vez depois, até passar algum tempo. Se se sente muito seguro de si e quer perguntar ainda mais energicamente, pode usar a pergunta: „há alguma coisa que não me estás a dizer?”, ou, „o que é que não me estás a dizer?” Uma vez mais, apenas aceite e acuse a recepção a qualquer resposta.

Estas perguntas sobre contenções podem ser difíceis de aplicar às crianças mais jovens, e, em todo caso, as crianças jovens estão muito mais abertas, não aprenderam códigos morais e raramente são incomodadas pelas contenções. A partir de aproximadamente os sete anos de idade, e particularmente na adolescência, estas contenções começam a acumular-se e a criança começa a sofrer do que a psicologia provavelmente chamaria „complexo de culpa”, e isto provoca um comportamento anti-social adicional.

É boa prática, sempre que possível, mandar os jovens em idade escolar e adolescentes recordar os eventos do último dia ou semana para apanhar os seus actos negativos e contenções, e encorajá-los a comunicarem consigo sobre eles, mas lembre-se, apenas acuse a recepção e não os censure. Aconselhe-o se

lhe for pedido, apele ao seu sentido de razão e justiça, mas não os ameace com as consequências.

Uma última precaução. Nunca, NUNCA use um processo de Cientologia como reprovação, penalidade ou castigo. Fazer isto seria uma grosseira má-aplicação de um processo e indicaria um sério erro até nos mais elementares princípios básicos e propósitos da Cientologia.

Se, através de ler este livro reparar agora que tem cometido alguns erros no manejo das suas crianças, e começar a rectificar estes erros agora, atenção porque pode achar isso muito difícil durante algum tempo, mas não deixe que isto o preocupe. Sempre que empreendemos trazer ordem a qualquer situação ou condição confusa, temos que estar dispostos a enfrentar essa confusão que tem que inevitavelmente voar. A persistência, mesmo face a um fracasso aparente, com o que você sabe ser verdade, vencerá finalmente.

TRATAR DAS CRIANÇAS...

A pessoa frequentemente verá explosões na imprensa relativas à conveniência de certos filmes, livros e espectáculos de TELEVISÃO para crianças. Aparecem usualmente dois pontos de vista adversários. Um ponto de vista é que sexo, violência e horror, corromperão as crianças, dar-lhes-ão uma visão distorcida da vida, e conduzi-las-ão ao erro moral. Outro é que essas coisas não afectam as crianças indevidamente, e até, se o fizerem, é provavelmente melhor para as crianças ser-lhe exposto na segurança da sua própria casa em lugar de, de repente, sem avisar, as conhecerem na realidade no ambiente e terem que lidar com elas.

Ambos os pontos de vista podem ser incontestavelmente provados certos. Quer dizer, sexo, violência e horror, afectam algumas crianças e não afectam outras. Não há nenhuma dúvida sobre isto; ambos os pontos de vista estão certos. Mas como podem ambos estar certos? Simplesmente porque o factor que determina como qualquer pessoa reagirá a condições, situações e experiências, quer sejam vistos, lidos, ou vividos, está dentro da própria pessoa. Essa reacção dependerá quase inteiramente do conteúdo da mente reactiva do indivíduo. Se sexo e violência num filme restimulam incidentes na mente reactiva da criança, que contém sexo e violência, então ela reage, e a culpa parece ser do filme. Se não há nenhum incidente semelhante na mente reactiva da criança a ser restimulado, então a criança não é restimulada. Ela nem age nem reage de qualquer forma fora ao usual, e o sexo e material de violência parece-lhe inofensivo. A verdade é, então, que em si mesmo, É inofensivo. Se isto não fosse verdade então os censores teriam mentes como fossas e depressa ficariam depravados lunáticos o que, é claro, eles não são.

O vilão da peça e o ÚNICO factor importante é a mente reactiva. Logo, deve ou não permitir às suas crianças ler livros e ver filmes duvidosos? Você tem alguns factos agora em que fundar o seu julgamento.

Este é um livro muito pequeno. Não obstante contém TODA a informação que eu pessoalmente achei essencial para criar as minhas próprias crianças. Se eu não estivesse armado com esta informação, estremeço só de pensar na confusão que poderia ter feito. E ainda agora, ao examinar os conteúdos do livro outra vez, há muito pouco neles que eu não pudesse ter sabido, de qualquer maneira. Tudo o que tive que fazer para descobrir como tratar crianças foi: „ser” uma criança e ver como me sentiria sobre a maneira como eu me tratava. Tente fazer isto e verá o que quero dizer.

Para tornar tudo mais fácil, imagine que, embora se sinta saudável e capaz, você acorda um dia com amnésia total se acha cometido ao cuidado de alguém que é um estranho completo e é muito, muito maior e mais forte do que você. Você é incapaz trabalhar e está completamente dependente dele para todas as suas necessidades nos próximos quinze anos. Quando o vê, a saudação dele é pouco mais do que um: „então desta é a coisa que tenho que

cuidar?” como que grunhindo num idioma estrangeiro e com um olhar fixo curioso, ligeiramente hostil. Não é um início tranquilizador.

Vamos supor que esta pessoa o trata assim. Ela falar usualmente consigo como se você não compreendesse nada do que se tratasse, mesmo que ligeiramente. Ela não o deixar ajudar muito e frequentemente zangar-se consigo quando você tentasse justificar a sua existência através de ser útil. Você tentar explicar-lhe a sua posição, mas ela não compreender e não parecer estar muito interessada, e nem sequer tentar. Ao invés, você ter que aprender o idioma dela para se poder explicar melhor, mas ela fazer muito pouco para o ajudar nisso. A sua educação e movimento neste novo ambiente serem tão limitados que seria difícil encontrar o que fazer para evitar ficar aborrecido, mas ela não parecer perceber isto ou compreender as suas dificuldades. Se e quando você encontrasse alguma coisa de interesse, e provavelmente ela viesse e, sem qualquer advertência, parasse imediatamente o que você estivesse a fazer e o apanhasse fisicamente e o empacotasse e metesse na cama ou nalgum outro lugar igualmente desinteressante. Se às vezes ela tentasse obrigá-lo a fazer e aprender coisas nas quais você não estivesse interessado, e não parecesse cuidar do que VOCÊ quisesse fazer.

Ter uma esposa que fosse quase tão grande e forte como ele, e que o tratasse muito da mesma maneira. Neste ambiente novo parecer haver todas as espécies de regras, regulamentos e restrições das quais você não fosse avisado até que acontecesse, principalmente por casualidade, quebrar uma delas momento em que lhe ralhasse, o esbofeteasse ou até o castigasse severamente. Este tutor que o poderia esmagar com uma mão, quatro vezes mais alto do que você, ser absolutamente medonho quando fica zangado, mas como se toda essa vantagem física não bastasse, usar varas e correias para lhe bater. Ser feita uma pequena tentativa para o aconselhar com antecedência das regras ou o advertir das consequências de as quebrar. Você obter esta informação através de como que um sistema de tentativa e erro e consequências. Bastante frequentemente o homem e sua esposa discordarem das regras. Um ralhar-lhe ou castigá-lo por fazer alguma coisa, e o outro ralhar-lhe ou castigá-lo por não fazer a mesma coisa. Algumas regras mudarem todos os dias. Ontem ser certo fazer alguma coisa, e hoje não ser permitido.

O homem e a sua esposa discutirem frequentemente e lutarem e chamarem um ao outro nomes sórdidos na sua presença, mas comportando-se você deste modo perante eles ou outros quaisquer, dizerem-lhe que você é mau e ameaçando-o com um tarefa se fizer isto outra vez.

Diariamente você ser obrigado a comer o que não quer. Ser por vezes forçado, sob a ameaça de tarefa, comer a comida que abomina, que virtualmente o estrangula quando tenta tragá-la. Gradualmente você aprende algumas das regras que parecem ser mais estáveis e lhe permitam fazer algumas coisas. Isto fá-lo sentir um pouco melhor e mais seguro. Você começa a fazer esforços especiais para ajudar e agradar aos seus tutores, mas eles

raramente, se alguma vez, acusam a recepção dos seus esforços. Frequentemente eles nem sequer acusam a recepção quando você lhes fala, e isto fá-lo sentir inseguro outra vez. Estes „pais” não o mantêm muito bem informado sobre os movimentos deles, tentam enganá-lo e suborná-lo, e sussurram coisas engraçadas nas suas costas ou dizem-nas nalgum tipo de código que você não pode compreender. A seguir, um deles partir para algures e não voltar durante o que parece ser muito tempo.

Isto preocupa-o, pois se ambos partissem, você teria que se arranjar sozinho, e você sabe que tem que depender deles para ficar vivo.

Bem, fico por aqui. Esta é de facto uma versão bastante dócil das provações de uma criança, mas não obstante, eu sinto a certeza que, a ser uma criança assim, você verá que não há virtualmente nada neste livro de que discorde, ou não ache factual ou razoavelmente lógico, aceitável e exequível. Aparte da descrição da mente reactiva e suas capacidades, há provavelmente muito pouco que você ainda não sabia antes de ler o livro, embora nalguns casos possa não ter reparado que já sabia.

Agora, esta informação não vai por si só resolver todos os problemas que encontrar na educação das suas crianças. De facto, não vai, por si mesmo, resolver qualquer problema. Você mesmo tem que resolver os seus problemas particulares, porque faz parte deles. Eu proporcionei-lhe meramente alguns dos utensílios mais básicos e importantes. Como usar estes utensílios é consigo e com a sua perícia como pai.

Educar as crianças está realmente bem coberto pelos conselhos de Cristo que mandam „tratar os outros como acha que eles o deveriam tratar a si”, sendo a diferença que, depois de ter lido este livro, você, espero, pode fazer isso um pouco melhor, porque tem alguns dados simples, organizados, estáveis, em lugar de muitos, frequentemente contraditórios, variáveis pedaços desconectados de informação.

Os pais que não dão passos para ir buscar mais conhecimento de Cientologia, estão a perder na medida em que, na minha opinião, é o maior avanço humanitário de sempre, e isto aplica-se mesmo a esses pais que, no seu próprio direito, são autoridades aceites em psicologia, medicina, religião, educação e ciências sociais. Eu não quero que você me considere uma autoridade. Preferiria que você fosse a sua própria autoridade e simplesmente ler o que as práticas ortodoxas estabelecidas têm a dizer sobre o comportamento humano, e decidir por si próprio se o que eles dizem contém tanto bom senso para si como o material simples apresentado neste livro.

Há muitos livros de psicologia e de medicina sobre o cuidado de crianças que contêm alguma informação excelente, você pode reconhecer isso. Podem ser usados os dados estáveis deste livro para medir a importância e a verdade do que, caso contrário, poderia parecer pouco mais do que teorias especulativas. Você deveria agora ser mais capaz de medir estas teorias sem

consultar qualquer autoridade que não você próprio. Os mesmos factos patentes relativos ao relacionamento humano aplicam-se não só à criação de crianças e percurso de uma família, mas também à administração de um negócio ou governo de um país.

Uma mente clara é O essencial primário do comportamento, desempenho e sucesso óptimos, em TODOS os outros campos do empenho humano, pois não há nenhum estudo ou empreendimento, antes ou no futuro, que não seja concebido e dirigido pela mente.

A atenção dada por pais, professores, ministros e autoridades governamentais aos factores enfatizados neste livro irá longe em termos de reduzir a severidade de muitos dos aparentemente insuperáveis problemas humanitários e sociais dos dias de hoje. Podem ser minimizados acidentes, a incidência da doença pode ser reduzida, irracionalidades que conduzem ao divórcio, casas despedaçadas, suicídio, ódio racial, crime, vandalismo, insanidade e guerra, podem ser virtualmente eliminados, e uma humanidade mais feliz, mais digna poderá realmente desfrutar da viver em lugar de lutar meramente para existir.

Agora você pode ver por que razão a Cientologia é chamada, „A Ciência de Saber Saber” ou, „A Ciência Da Vida”. Você também pode reparar que o assunto deste livro realmente não foi „Cientologia para Crianças”, nem mesmo, „Como educar crianças”, mas antes um tratado sobre como qualquer pessoa decente, de qualquer idade, de qualquer nacionalidade, raça, cor ou credo, deseja e precisa de ser tratada a fim de permanecer fisicamente, mentalmente e moralmente saudável e capaz, viver em paz num mundo decente e desfrutar da vida como ser sociável entre os outros seres humanos decentes, dignos, sociáveis.

As crianças podem ser melhores do que são. Os homens e mulheres podem ser melhores do que são. O futuro das suas crianças está nas suas mãos. O futuro do mundo e do género humano estará nas mãos delas. Que você viva para desfrutar e estar orgulhoso, não só os seus avanços técnicos, mas também das suas realizações sociais e humanitárias.

As exigências de uma criança, as exigências de um adulto, as exigências de um ser humano, para se desenvolverem em indivíduos saudáveis, felizes, sociáveis, são estas:

Ele precisa de ser devidamente alimentado e vestido.

Ele precisa um de um ambiente razoavelmente seguro, estável e calmo.

Ele precisa de alguns problemas, desafios e até perigos.

Tem que lhe ser permitido trabalhar.

Tem que lhe ser permitido relaxar e brincar.

Ele tem que se sentir necessário, desejado, importante e útil.

Ele tem que sentir que pode merecer confiança.

Ele precisa de alguém, de preferência os pais, em quem possa confiar implicitamente.

Tem que lhe ser reconhecida entidade, e liberdade para expressar a sua própria entidade na prossecução dos seus próprios propósito e metas.

Tem que lhe ser permitido saber coisas. A supressão do conhecimento gera a mediocridade, conformidade e escravidão final das raças.

Ele precisa de saber o que é verdadeiro e falso, real e imaginário, bom e mau.

Tem que lhe ser permitido às vezes fingir, pois isto é o início da criatividade.

Ele tem que ordenar a vida e ordená-la com regras conhecidas e concordadas.

Ele precisa de liberdade e de recompensas também.

Tem que lhe ser permitido ajudar e contribuir da sua própria melhor maneira.

Ele precisa de ser ajudado.

Ele precisa de certeza, de segurança e de liberdade, espiritualmente, mentalmente e fisicamente.

Ele quer poder amar e ser amado, e acima de tudo, ele quer compreender e ser compreendido.

Estas coisas não são meros desejos. Elas são ingredientes necessários, essenciais à felicidade individual, harmonia social e estabilidade. Estas também são as suas exigências. Estes são os seus direitos! Estes são os direitos que L. Ron Hubbard dedicadamente intentou ao restabelecê-los para todas essas pessoas que os perderam ou que lhos tiraram.

Você tem o poder potencial para pelo menos começar a ter a certeza que estes direitos existem para as suas crianças e para todas as crianças. Com Cientologia e a sua ajuda, estes direitos podem ser recuperados para todo o género humano.

Pais, foi-vos recomendado o cuidado e orientação das vossas crianças. Elas não nascem boas nem más. Elas nascem inocentes, esquecidas do passado, expectantes quanto ao futuro. A vida delas nos primeiros dias é para você criar, nutrir e desenvolver, para a dignidade da sociabilidade que serve o género humano. Os seus sonhos ainda estão por sonhar, o seu propósito por cumprir, a sua vida para ser um livro aberto do qual vocês, bons pais, serão os autores.

RECONHECIMENTOS

Meu mais sincero agradecimento a L. RON HUBBARD, conhecido simplesmente com o maior respeito e afecto como "Ron", por milhões de pessoas por todo o mundo a quem ele trouxe maior esperança, satisfação e optimismo, com respeito à vida, do que alguma vez tinham pensado possível.

Através do conhecimento passado para mim em livros, gravações e cursos de processamento e treino, pessoalmente administrado por outros que foram ensinados directamente por ele, a minha própria vida e as vidas da minha esposa e família foram melhoradas para além de qualquer expectativa prévia.

Obrigado Ron; obrigado por tudo!

Obrigado também, caro leitor, por ler este livro.

OUTROS LIVROS PARA LER AGORA:**AUTO ANÁLISE EM CIENTOLOGIA, por L. Ron Hubbard**

Um manual compacto de processamento faça-você-mesmo que também contém muita informação prática válida. Um livro excelente para ler junto com "Cientologia para Crianças". De interesse considerável e utilidade é a CARTA HUBBARD DE AVALIAÇÃO HUMANA que permite a qualquer pessoa medir com precisão a sua própria capacidade presente e o valor potencial e sociabilidade da família, amigos, pessoal, e sócios empresariais.

DIANÉTICA: A CIÊNCIA MODERNA DE SAÚDE MENTAL, por L Ron Hubbard,

Este livro trata em detalhe da mente reactiva. Pode bem ser o livro mais importante sempre. A Dianética foi introduzida em 1950 como uma moderna psicoterapia faça-você-mesmo que transcendeu todos os prévios esforços para compreender e manejar a mente, e teve êxito onde eles tinham falhado. É a ponte da que conduz à compreensão das agora totalmente provadas e exequíveis teorias e práticas da muito mais larga ciência da Cientologia. Se você quer ser mais saudável, mais feliz, mais eficiente e melhor em todos os sentidos, este é o livro que lhe mostrará o que tem atrasado, e lhe dará esperança para o futuro.

E AINDA.

OS PROBLEMAS DO TRABALHO.

CIENTOLOGIA: OS FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO, ect.

E MUITOS OUTROS...